

# O Canabarro

TUDO PELA LIBERDADE

Ano III | Director: PAULINO VARES | N.º 927

REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Administrador: A. Pereira dos Santos

RIVERA, 24 DE OUTUBRO DE 1897.

O Canabarro  
PÚBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
E DOMINGOS

ASSIGNATURAS  
PARA O LIVRAMENTO  
MEZ 2\$ - SEM. 10\$ - ANNO 18\$  
PARA FÓRA  
SEMESTRE 12\$ — ANNO 20\$  
PARA ESTA REPÚBLICA  
MEZ 0.50 - SEM. 2.50 - ANNO 5.00

Apedacos, editores, anuncios e trabalhos tipográficos, 10 por cento menos que em outubro de qualquer parte, pagamentos adiantados, assim como o das assinaturas.

## MISERIA!

E' este o grito de desespero que se ouve de um a outro confrão do mizerio Estado rio-grandense.

A miseria, a fome já invadiu centenares de lares ainda há pouco relativamente felizes.

A avalanche se avoluma e toma proporções resustadoras.

A pobreza, a miseria e a intransquilidade que se sente no Rio Grande é por demais alarmante e está pedindo, mas pedindo em vão, serias providências de parte d'aquelas a quem está confiada a direção e administração do gaúcho Estado.

O pobre já não pode viver porque os homens não se deixam trabalhar com os constantes recrutamentos, e as famílias não ganham o necessário para sua manutenção, devido a excessiva carestia dos gêneros mais necessários para a subsistência.

Muitas e muitas famílias estão abandonadas, sofrendo necessidades indizíveis e com carença de tudo.

A vida honrada é já ali impossível.

Já vão para trez annos que terminou a guerra civil e já é tempo suficiente para o povo ter voltado aos seus antigos trabalhos, às suas anteriores ocupações.

Infelizmente assim não sucedeu, não era possível suceder.

O governo do Estado e as administrações municipais, que daviam e tinham obrigação, de por meios suasários, chamar os seus concidadãos e até mesmo ao estrangeiro, a vir trabalhar tranquillamente, com todo o socorro e garantia; que deviam mesmo facilitar-lhes os meios de trabalho, diminuindo os impostos ou ixentando-os completamente d'elles por algum tempo, foram e são os primeiros a criar ao povo as maiores dificuldades, carregando-o de impostos onerosos e absurdos e perseguiendo-o loucamente.

te com os recrutamentos cassas-sinatos.

Para ninguém, a não ser para os serviços da dictadura, existe no Rio Grande garantias de especie alguma.

É grande o numero de famílias que actualmente estão ali abandonadas: umas porque perderam seus chefes na guerra civil; outras porque elles foram angariadas para a brigada militar; outros ainda porque elles foram assassinados ou viram-se obrigados a fugir ao furioso recrutamento.

Estas famílias vivem na mais lastimosa penuria, esmolando pelos vizinhos que ainda possuem alguns bens.

Muitas andam nãas e famintas.

Os roubos já se sentem e se reproduzem, porque a necessidade é mãe de todos os vícios.

E todos estes males não são mais que os prenúncios de outros ainda muitos maiores.

Hora virá em que o roubo não se possa fazer sem apparelhar consigo o assassinato. E o assassinato se praticará!

Mais tarde, como consequência ainda da miseria, virá também a desonra de muitas famílias pobres mas actualmente honestas!

Não é só no município de Canguçu, como noticiam os jornais de Pelotas, que está morrendo gente à fome!

O Livramento e outros municípios do Estado soffrem também esses mesmos horrores!

O entretanto, dizem os apañados da tyrrania que nos cofres do Estado existem cerca de *trez mil contos de réis!*

E, se isto é verdade, para que serve então esse dinheiro?

Não será um crime e crime enorme que o povo esteja morrendo à fome e o governo esteja acumulando avultadas somas nas arcas do estado?

Que melhor applicação poderia dar-se a esse dinheiro que representa o suor do povo, do que socorrerendo com elle a esse mesmo povo hoje necessitado?

Ah! mas isso a tyrrania não faz nem fará nunca.

Ella precisa d'esse dinheiro e de muito mais ainda para manter a força que a sustenta; para comprar armas e munições para essa mesma força que persegue e assassina o povo e desonra as famílias.

Triste e horrorosa situação!

Miserando Rio Grande do Sul, a que estado te reduziram!

SÃO SURDOS,  
NÃO VÊM

*Aures habent et non audient.*

Têm orelhas e não ouvem ou são surdos e não vêm, como quer a corruptela do dizer popular.

Apreciando a crise governamental e as medidas propostas pelo sr. Murtinho para debelar a crise financeira, — medidas que deram causa à saída de s. exa. do governo, porque não foram aceitas, — exclama o *República*:

— *Ninguém tem o direito de gastar mais do que o que recebe.*

O *República* sabia d'isso e estava calado, estava calado e fingia ignorar esse bello preceito quando a sua gente, no governo, gastava sem vezes mais do que recebia.

Causa riso, senão nauseas, ver Arlequim transformado em filósofo, Papavoine metido em hábitos de freira.

Se indagarmos os motivos porque rendendo o paiz 300.000 contos, sua despesa sempre era maior, aggravada anno por anno com formidáveis *deficits*, chegaremos à evidência de que não era por culpa do sr. dr. Prudente de Moraes, mas pela immortal ganancia dos que ora dizem que não se deve gastar mais do que se recebe.

Isto é mais claro do que a própria casca do ovo.

E se desses 300.000 contos, 120 eram absorvidos pelas diferenças de cambio, porque motivo o genio financeiro dos heróis do *República* nunca se limitaram a gastar nas despezas internas, apenas os 180.000 que ficavam?

A lógica aqui apresenta-se como uma espada de dois gumes: pôde ferir o dr. Prudente de Moraes, porque denunciou a *revaranche* económica, mas fez mais diretamente e de morte os que durante 8 annos nada mais fizeram do que avolumar os *deficits* com os gastos extraordinários, com empréstimos leoninos e com o escoamento dos dinheiros públicos por vias não processadas e jamais verificadas.

Desses que soaram exforços nessa obra nefasta do nosso descredito, da nossa ruina, ao mesmo tempo que encucavam-se a os paisentes, é que o governo, por um decreto excepcionalíssimo, mas justíceiro, devia arranjar metade das fortunas para atender os compromissos nacionais.

E depois disso feito, ensinarei o que elles agora ensinam, isto é, — *que ninguém é obrigado a gastar mais do que o que recebe.*

Era questão de haver um homem capaz de proceder a um sequestro nos bens destes indivíduos para conhecê-los e indagá-los da origem, para ao depois examinar como e quando pôde um indivíduo, ganhando vinte, gastar com e acumular milhares.

A gente que hoje pretende moralizar a moralizada e honestíssima administração do sr. dr. Prudente é de um cynismo revoltante e irritante: di agora conselhos dos quais nunca se serviu, dos quais nunca se aproveitou no interesse nacional; grita contra a crise, malha o governo, dil-o

incompetente para debelar-a, entretanto, a crise é a obra mais formosa d'ella.

A sua história não pode escapar essa pagina mais gloriosa da sua governança, esse rastro de luz sinistra de sua passagem pelo poder.

E apesar de ser pela crise torturada, nunca a semelhante gente foi cuidado tratar de debelá-la, pelo contrário, o seu maior empenho consistiu em iludir o paiz com relatórios iluminados por cifras que transformavam o tesouro n'aquelle Paolo em que Cresus anchia-se de ouro.

Quem desmascarou a crise foi o sr. dr. Prudente de Moraes.

Quem disse falsos, mentirosos, embusteiros semelhantes relatórios foi ainda o sr. dr. Prudente de Moraes.

Como é que agora o *República*...

Ora, pelo amor de Deus! essa gente finge-se cega gara não vê; tem orelhas mas não ouve.

*Aures habent et non audient.*

E o melhor que se pôde fazer é mandal-a até onde Cambromme mandou a gente que exigia a sua rendição.

(Da *Tribuna do Povo*, de Santos)

## FRANCISCO A. DA COSTA

Com relação a este nosso malogrado amigo, falecido no Livramento em 1891, publicou o nosso preso colega Albino Costa no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, o artigo infra, cuja transcrição nos pediu, não podendo nós, nesse tempo, satisfazê-lo por não termos recebido o respectivo jornal. Desejando o nosso colega que *O Canabarro* insira em suas colunas o histórico que se vai lér da vida de Francisco Agusto da Costa, satisfaçom-l-o, com o maior prazer, ainda que tardivamente.

Eis o artigo do *Correio do Povo*:

### Francisco Augusto da Costa

De passagem nesta capital, só há dias pude ler, transcripta em outros jornais, vossa notícia de 15 de Abril ultimo, com relação ao misterioso cavalheiro que, com o nome acima, faleceu no Livramento em 11 de Outubro de 1891.

O respeito e vencimento que devemos postumamente aos caracteres honestos e saos, aos que se affligiram a nós, obriga-nos a dizer alguma cosa quando um facto relatado ambigüamente pôde vir denegrir sua memória, como sucede na notícia que d'estes e que vossa diligéza me permite agora rectificar e ampliar.

Eis o trecho da vida, um tanto aventurosa, mas honrada do falecido a que vos referistes:

Em 1º de Fevereiro de 1889 desapareceu do Rio de Janeiro Domingos Ferreira Coutinho, bra-

sileiro, natural de Augra dos Reis, socio gerente da casa de café Domingos Ferreira Coutinho & C. estabelecida à rua da Saude num. 19, sem dizer para onde ia, deixando os empregados e aluguel da casa pagos um mês adiantado.

Suspeitou-se uma fuga; e, no dia 2, por denúncia do primeiro caixeiros, a polícia tomou conhecimento do facto, procedendo a averiguações. No dia 3, todos os jornais, cuja reportagem trefega e avida de notas sensacionais explorou o caso, noticiaram que o negociante se evadira dando à praça um desfalque de 400 contos.

O Dr. chefe de polícia, examinando a escrivanatura, encontrou, com surpresa, fechadas todas as contas credoras; e, os jornais, no dia 4, declararam — *parecer não haver desfalque.*

Em vista de não haver crime, nem credores que se apresentassem, cessaram as investigações da justiça.

No dia 11 do mesmo mês, apareceu no *Jornal do Comércio* uma declaração do abastado fazendeiro, commendador J. J. Breves, socio commanditário da firma Domingos Ferreira Coutinho & C., afirmando que — não havia, nem pedia haver desfalque, porque a casa não tinha credores; que Coutinho era homem da sua inteira confiança e que dias antes de partir havia pago ordens no valor de cento e tantos contos, sacadas por elle contra a firma.

Como é natural, este facto assumiu as proporções de escândalo; mas, desfeita tão concludentemente a imputação de fraude, fez-se na opinião geral um movimento de sympathy a favor do negociante.

Os amigos e a família de Coutinho, nunca mais recebendo notícias, julgaram-no morto.

Em meados do mesmo mês de Fevereiro de 1889, foi-me apresentado na cidade do Rio Grande por um parente que muito preso, o Sr. Francisco Augusto da Costa, que vinha de São Paulo e se dirigia para Montevideo.

E' condição de quem viaja muito, travar relações novas, umas efêmeras, outras persistentes, segundo os caprichos da sorte e as circunstâncias especiais da vida de cada um.

F. A. Costa foi, três dias depois, visitar-me a Pelotas, onde eu então residia, e incumbiu-me de uma missão de confiança que me penhorou passar pelo *London and Brasília Bank* 12.000 pesos ouro para Montevideo. Satisfiz-o. Costa seguiu seu destino.

Coíndiu esta época com o traspasse de meu jornal *A Pátria*, de Pelotas, ao Sr. Ismael Simões; e, em 9 de Março seguinte, achava-me eu em Buenos-Aires, a negócios particulares, quando encontrei de novo o Sr. Francisco Augusto da Costa. Hospedamo-nos no mesmo hotel.

Inesperadamente, a *chantage* exerceida por um grupo de espartilheiros que o explorava, julgando verdadeira a primeira versão transmitida telegraphicamente à imprensa platina, fez-me uma terrível revelação. Meu companheiro de quarto andava de nome suposto; chamava-se Domingos Ferreira Coutinho e não Francisco Augusto da Costa!

E' ocioso descrever o que se passou entre nós e as provas exhibidas por Coutinho para convencer-me que eu tinha deante de mim um homem de bem. Provouno cabalmente, desvanecedo-me as últimas duvidas a leitura dos jornais do Rio citados.

Para um espirito menos prevenido do que eu, enja confiança fôr violentamente abalada pelo facto da troca do nome, bastaria reflectir que meu companheiro só possuía os doze mil pesos que eu passara para Montevideo e o necessário para a viagem em moeda brasileira. Uma exiguidade para quem, como elle, dirigira grandes capitais.

Um distinto medico brasileiro, Dr. Antônio Lara, seu amigo íntimo, então residente em Buenos-Aires, pediu-me que levasse Coutinho comigo para Sant'Anna do Livramento, afim de libertá-lo da exploração que tanto o incomodava.

Por sua vez, Coutinho, vendendo-se descoberto e seu nome infamado pela imprensa portenha, supplicou-me que o levasse comigo para lugar seguro, onde ninguém suspeitasse do seu gredo, consequentemente da troca de nome.

Havia qualquer cousa mais intima e secreta na vida deste pobre homem, que o trazia apavorado. Que seria? Eliminada por completo a idéia de fraude, — pois elle só havia retirado os lucros de sua casa comercial — que poderia haver que tanto o preocupa-se? Suspeitei algum *dilito d'amore*, como se diz na lingua de Dante; e, minha suspeita fundava-se em que elle parecia temer a perseguição de alguém. Nunca o interroguei sobre isso.

Mandei-o para o Livramento, recomendado a amigos de confiança, em cuja boa sociedade elle viveu desde 20 de Março de 1889 até 11 de Outubro de 1891, conquistando, pelo seu procedimento correcto e fino trato, verdadeiras amizades no que a sociedade sant'annense tem de mais selecto.

Em Sant'Anna, este homem do quem fui, ou melhor — de quem é a honra de ser amigo, quiz estabelecer casa de negocio, de sociedade comigo. Recusei, por escrupulos, devido às condições especiais que o leitor já conhece. Seu capital total era de 26 a 27 contos.

Pedi a meu sogro, o falecido Sr. Israel Nasario Leal, fazendeiro de reconhecida honestidade, para fazer sociedade com Coutinho em gados de invernar. Essa sociedade principiou em 31 de Março de 1889 e terminou



— O CANABARRO —

## SASTRERIA RIVERENSE

—DE—

## MIGUEL MELLO Y NIEVES

AVENIDA ARENAL GRANDE

(LINEA DIVISORIA)

En esta gran sastrería encontrará el mas exigente cliente :  
ESMERO PRONTITUD Y ELEGANCIA EN EL CORTE,

pues la casa tiene cortador especial y reputado.

— Gran variedad de casimires franceses y ingleses ! —

Sobre precios no hay que hablar, pues se encontraran  
ricos trajes de saco, desde 13 hasta 25 pesos ; de jaquet, de 24  
á 30 pesos ; de levita, de 31 á 40 pesos,

¡ PERO, COSA RICA !

Aun sobre estos resumidos precios se hará algun descuento.

LO QUE SI—AL CONTADO—SIN EXCEPCIÓN.

Se confeccionan trajes en 12 horas. Hay tambien en venta

GRAN CANTIDAD DE ROPA HECHA.

— RIVERA —

## HOTEL AMERICANO

—DE—

## FIRPO IRMÃOS

RECENTEMENTE ABERTO Á CONCURRENCIA PÚBLICA

ACEITA-SE HOSPEDES E PENSIONISTAS. DIRECCÃO ESPECIAL NO SERVIÇO DE COSINHA

MODICIDADE EM PREÇOS. PRAÇA GENERAL OSORIO N.º 49

Mo. P. D. R. I. O. S. O. O.

Fev. 18—Ag. 17.

## FABRICA A VAPOR

—DE—

## beneficiar fumo e café

Esquina das ruas Tamandaré e Conde do Porto Alegre

— NA LINHA DIVISORIA —

Vendas por atacado e a varejo—porém, só à dinheiro

LIVRAMENTO

## HOTEL DO COMMERÇIO

(FUNDADO EM 1860)

## LIVRAMENTO

RUA 29 DE JUNHO NUM. 9 — ESQUINA 1º. DE MARÇO

—DE—

## Antonio Tommasi

PROPRIETARIO DO

## RESTAURANT 25 DE MAYO

CALLE SARANDI—RIVERA

## Alfaiataria

## RIO-GRANDENSE

—DE—

## ANTONIO EPICANEÓ

RUA DOS ANDRADAS N:

Esta já bem conhecida alfaiataria, funda la nesta localidade em

1885,

acaba de receber, directamento da Europa, um magnifico e estranho sortimento de boas casimiras, como sejam : especialidade em Reps e Gravatos, preto e azul, genero chinez, de diversos padrões, para todos os gostos e proprios para esta estação.

Dossue tambem habelis artistas que, com presteza e solidez, manufaturam toda e qualquer obra, ao gosto do mais exigente frequentador.

Os preços porque deliberou vender seus generos são tão razoáveis que não teme competencia.

Venham e verificar-se-ão.

LIVRAMENTO

## ALMACEN

TIENDA,

ROPERIA,

FERRETERIA,

QUINCALLERIA,

TALABARTERIA

—DE—

Y BAZAR

## JUAN B. MAGNONE HIJO

RIVERA — CALLE SARANDI — RIVERA

## Ferraria e Carpintaria

DE

## ANDRÉ BOTTARO

Neste estabelecimento trabalha-se com perfeição em tudo quanto se refere à este ramo de negocio.

Concertam se e fabricam-se veículos e apropalam-se com esmero e brevidade todo e qualquer trabalho.

PREÇOS MODICOS

## RIVERA

## Pharmacia

## ORIENTAL

—DE—

## JOAO CAFFONE

(PHARMACEUTICO)

O proprietario desta bem montada pharmacia offerece ao publico desta localidade e do Livramento, o seu estabelecimento, sempre bem sucedido de tudo quanto se relaciona com uma casa desta ordem.

Tem sempre à venda os melhores e mais legítimos preparados estrangeiros. O trabalho de manipulação é garantido e feito sempre com toda a presteza possível

Aviam-se recetas a qualquer hora do dia ou da noite.

PREÇOS BARATISSIMOS

RUA SARANDI

RIVERA

## CAFÉ E BILHAR

20 DE SETEMBRO

DE

## João B. Garcia Filho

RUA 29 DE JUNHO—ESQ. GENERAL CÂMARA

Este estabelecimento recentemente aberto, está em condições de bem servir ao publico, pois além do um variado sortimento de bebidas finas possui tambem um café especial para servir a qualquer hora.

— LIVRAMENTO —

## RECIBOS

Nesta typographia vendem-se recibos para cobrança de alugueis de casa, já encadernados e nitidamente impressos.

## PREÇOS MODICOS

## O CANABARRO

PERIODICO FUNDADO EM 1885

As officinas typographicas d'O CANABARRO, remontadas recentemente, dispõe de excellentes máquinas, de tipos novos e modernos e tambem de habelis operarios para promptificar, com esmero, gosto e nitidez, todo e qualquer trabalho que lhe seja encomendado.

## PRÉCOS MODICOS

ACEITAM SE ANNUNCIOS, PUBLICAÇÕES E ASSIGNATURAS

RUA PAYSANDU'

RIVERA

## Prejuízos de guerra

AO PUBLICO EM GERAL E EM PARTICULAR AOS BRAZILEIROS RESIDENTES NESTA REPÚBLICA

Prevenimos que no escriptorio d'O CANABARRO da-se gratuitamente todas as indicações necessarias, afim de que os prejudicados pela guerra, tanto por forças legaes como pelas da revolução, possam documentar se legalmente dos prejuízos que houverem sufrido, para poderem requerer as indemnizações respectivas.

## BARBERIA

## EL FERRO CARRIL

DE

## ENRIQUE ARBIFEUILLE

Todos al Ferro Carril  
Que en esta casa modelo,  
Se aseita y se corta el pelo  
En un rato á quince mil.

Se hacen obras en cabello,  
Bonitas, baratas, buenas;  
Como anillos y cadenas  
Y relevos de lo bello.

— CALLE SARANDI—RIVERA —